

**O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE
DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR
DA ECONOMIA URBANO-RURAL**

**YOUTH LABOR IN DRUG TRAFFICKING AS PART OF THE
LOWER CIRCUIT OF THE URBAN RURAL ECONOMY**

Aleff Silva Aleixo¹

Maria de Fátima Pereira Alberto²

Resumo

Este trabalho analisa a inserção do tráfico de drogas nas regiões rurais em processo de urbanização, especialmente na comunidade de Bela Vista, em Boqueirão-PB. Utilizando uma abordagem qualitativa baseada na observação participante e entrevistas com jovens envolvidos na venda de drogas ilícitas, o estudo revela que o tráfico atua como parte dos "circuitos inferiores" da economia urbana, contribuindo para estratégias de sobrevivência em contextos de vulnerabilidade social e econômica. Os relatos mostram que esses jovens frequentemente veem sua atividade no tráfico como uma extensão de suas atividades produtivas, muitas vezes associado às dificuldades de conseguir empregos formais e às pressões familiares. Além disso, o consumo de drogas, facilitado pelo próprio ambiente de trabalho no tráfico, funciona tanto como um meio de gestão do sofrimento quanto como um instrumento para aumentar a produtividade, fortalecendo o ciclo de vulnerabilidade. O estudo evidencia ainda as conexões entre o tráfico, as facções criminosas, e os processos de urbanização, ilustrando como essas práticas econômicas informais estão entrelaçadas com as transformações sociais e territoriais dessas comunidades, desafiando a visão de que esses jovens estão à margem da sociedade.

¹Psicólogo. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Substituto do departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus III. Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA/UFPB). ORCID: 0000-0003-3084-0855. E-mail: aleffaleixo11@gmail.com

²Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA/UFPB). Orcid: 0000-0003-2515-9571. E-mail: jfalberto89@gmail.com.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

Palavras-chave: Trabalho; Trabalhadores rurais; Tráfico de drogas; Usuários de drogas; Adultos jovens.

Abstract:

This study examines the incorporation of drug trafficking into rural regions undergoing urbanization, with a focus on the Bela Vista community in Boqueirão, Paraíba, Brazil. Employing a qualitative methodology based on participant observation and in-depth interviews with young individuals engaged in the sale of illicit drugs, the research demonstrates that trafficking operates as part of the "lower circuits" of the urban economy, serving as a survival strategy in contexts of social and economic vulnerability. Findings indicate that these youths frequently view their involvement in trafficking as an extension of their productive activities, often linking it to the scarcity of formal employment opportunities and to family pressures. Moreover, drug consumption—facilitated by the work environment itself—emerges both as a coping mechanism for suffering and as a means to enhance productivity, thereby reinforcing the cycle of vulnerability. The study further underscores the interconnections among trafficking, criminal factions, and urbanization processes, showing how these informal economic practices are intertwined with the social and territorial transformations of these communities, ultimately challenging the notion that these young people exist at the margins of society.

Keywords: Work; Rural workers; Drug trafficking; Drug users; Young adults.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal demonstrar como o trabalho no tráfico de drogas se insere nos chamados “circuitos inferiores” da economia, mesmo em regiões marcadamente rurais. A ênfase na dimensão rural tem um motivo: quando elaborada por Santos (2008), essa noção se dirigia estritamente à economia urbana para descrever estratégias econômicas de sobrevivência criadas pelas populações empobrecidas ante as crises (permanentes) no mercado de trabalho brasileiro e fundamentais para dinâmica das cidades: atividades de pequena escala, nas franjas do mercado, de baixa produtividade e remuneração, informais e, sobretudo, sujeitas à sazonalidade e demais flutuações do mercado - dependentes, subordinadas e trabalhando nas franjas do chamado “circuito superior”, que é

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

formal, alto em tecnologia, produtividade e complexidade, geralmente relacionado ou sediado nas economias centrais do mundo, com alto nível de especialização do trabalho, mobilidade e circulação de informações e pessoas.

Oficinas mecânicas, borracharias, lojas de usados, brechós, pequenos serviços e comércios informais, reciclagem, mototáxi e etc. são exemplos dessas atividades. Essas atividades, ademais, são desempenhadas por aqueles contingentes populacionais com maiores dificuldades de acesso ao mercado de trabalho formal: jovens, mulheres, pretos, de baixa escolaridades ou pessoas com deficiência. Os chamados “mercados ilegais” (Feltran, 2018), em específico o tráfico varejista de drogas, também pode ser lido como componente desse circuito, uma vez que é marcado pela informalidade, precariedade, baixa produtividade e ser desempenhada, majoritariamente, por jovens pretos e pobres de regiões periféricas (D’elia Filho, 2008) - com o agravante de estar na ilicitude, isto é, em franca interface com o aparelho judiciário/penal repressor do estado.

Ocorre que diversas regiões consideradas rurais vêm passando por um processo de transformação, urbanizando-se (Rua, 2005). Esse processo tem inscrito novas formas de vida e novas estratégias de sobrevivência que, em muito, assemelham-se àquelas tipicamente encontradas nos espaços urbanos. As estratégias do chamado “circuito inferior”, portanto, têm se alastrado para esses espaços, incluindo aí suas esferas ilícitas.

Esse processo de urbanização ocorre, segundo Martins (2022), em boa medida, pela expulsão de populações rurais do campo em virtude de 1) Processos de concentração fundiária, tendência própria do capitalismo no campo e na cidade, que expulsa populações tradicionais em benefício da especulação fundiária ou do latifúndio monocultor; 2) Processos de incremento nas forças produtivas/industrialização do campo, que dispensa mão de obra e impele grandes contingentes populacionais a buscar a sobrevivência nos espaços urbanos. Urbanizando-se, esses contingentes são destituídos daquilo que, talvez, seja o principal promotor de bem-estar em espaços rurais: o apoio comunitário, que garante coesão social, ajuda e redes sociais de apoio, sobretudo em contextos de escassez e de crise, através de relações sociais que não passam pela via mercantil. Nas cidades, dissipando esse apoio, essas

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

populações mergulham numa economia concorrencial, onde não há espaço para todos e as redes sociais se restringem, quando muito, à família e à vizinhança imediata. Aqueles laços que, antes, eram pautados em noções ampliadas de família e em relações de comunidade e compadrio passam, agora, a ser mediados quase exclusivamente pelo dinheiro - que é escasso e disputado.

E é em busca do dinheiro que se dá a inserção desses contingentes nas atividades do circuito inferior, mais inseguras e promotoras de adoecimento. O trabalho de Laurell et al (2021) demonstra que o perfil epidemiológico de populações de migrantes rurais, isto é, de populações expulsas do campo e em processo de urbanização, é mais permeado por morbidades que seu duplo rural, nunca saído do campo - muito embora suponha-se que populações urbanas foram mais das chamadas “benesses” da civilização: maior proximidade de serviços de saúde, assistência social, esporte, cultura e lazer, bem como acesso a infraestruturas urbanas que, supostamente, garantiriam bem-estar. Os autores concluem que o principal determinante dessa maior morbidez em comunidades urbanizadas é exatamente a perda do laço comunitário, tão presente em espaços rurais e o mergulho em relações sociais completamente atravessadas pelo dinheiro enquanto mediador (Taussig, 2010).

Este artigo tem como objetivo principal analisar o caso da comunidade da Bela Vista, no município de Boqueirão-PB, sublinhando seu processo de urbanização, sem, entretanto, negligenciar aqueles aspectos que ainda permitem situá-la como rural. Assim, serão realçadas as transformações/manutenções de seus modos de vida, sobretudo as estratégias econômicas de sobrevivência que correspondem ao circuito inferior da economia urbana, dando especial ênfase aos aspectos que conformam o trabalho no varejo do tráfico de drogas como um componente desse circuito de uma economia que é, simultaneamente, urbana e rural.

2. MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo. Os dados foram coletados em dois momentos: o primeiro, a partir da mobilização da técnica de observação

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

participante em conjugação com o diário de campo; o segundo, mediante a realização de entrevistas abertas com jovens de 18 a 24 (critério ONU/UNICEF) anos residentes na comunidade da Bela Vista que declaram trabalhar ou ter trabalhado no comércio varejista de drogas ilícitas. As questões trabalhadas nas entrevistas dizem respeito às trajetórias de vida dos jovens, entre cujos principais eixos temáticos apareceram seus modos de vida e suas trajetórias de trabalho. O recorte aqui estabelecido considera apenas esses dois aspectos, embora a pesquisa como um todo tenha tratado de outras questões.

A pesquisa de campo aconteceu de Setembro de 2023 a Maio de 2024, primeiramente em um Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e Outras Drogas (CAPS-AD) do município. Entende-se que, inicialmente, a vinculação a um serviço de saúde é uma mediação propícia ao encontro com um público que, via de regra, não quer ser conhecido nem encontrado, pois consome e trabalha diretamente com algo que é considerado crime. Posteriormente, a pesquisa de campo ganhou as ruas da cidade, os espaços de trabalho, a intimidade de sua comunidade, de suas famílias e, principalmente, de suas casas. Seguiu-se a recomendação de Feltran (2018) quanto a descrição a ser feita no processo de observação participante: fez-se uma descrição densa de dimensões 1) Espaço-temporais; 2) Cenários e eventos; 3) Personagens e elencos (Atores e grupos relevantes); 4) Analítico-conceituais (insights teóricos e associações feitas pelo pesquisador); e 5) Reflexivas (impressões pessoais do pesquisador no encontro com o outro).

Na primeira etapa, de observação participante, contamos com a participação de cerca de quarenta pessoas, entre jovens e adultos que são usuários do CAPS-AD, seus familiares, amigos e outros partícipes de sua comunidade e cotidianidade. Para a segunda etapa, de entrevistas abertas, selecionamos sete participantes, seguindo os seguintes critérios: 1) Ter até 24 anos de idade no momento da pesquisa, perfilando-se como jovem segundo o critério da Organização das Nações Unidas (ONU/UNICEF); 2) Ter, em algum momento da vida, se engajado no comércio varejista de drogas ilícitas; 3) Aceitar participar da entrevista; 4) Não estar em crise de saúde/saúde mental durante o intercurso da pesquisa, de modo a ter sua dignidade preservada e poder estar presente nos encontros marcados para as entrevistas.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

Tanto a observação como as entrevistas se sucederam sem um limite temporal pré-estabelecido, ocorrendo até o momento em que foi possível atestar uma saturação teórica: eventos, relatos, personagens e histórias começaram a se repetir, de modo que os *insights* analíticos atingidos anteriormente já eram suficientes para abrangê-los e compreendê-los. Essa repetição, ademais, confere sustentação para induções e elaborações analíticas de caráter mais abrangente.

O processo analítico ocorreu de modo diverso e complementar para as duas etapas metodológicas da pesquisa: primeiro, os dados registrados no diário de campo foram submetidos a uma análise de conteúdo ancorada no materialismo histórico-dialético, possibilitando a identificação de categorias que estabelecem umnexo entre o contexto social estudado (a comunidade da Bela Vista, principalmente) e outros níveis da totalidade social, compondo um quadro analítico capaz de localizar a inserção desse contexto a outros níveis/campos da totalidade social, numa dialética singular-particular-universal (Pasqualini & Martins, 2015). Nessa etapa, é imprescindível o papel ativo do pesquisador em encontrar relações, caminhos e estabelecer as conexões lógicas entre um fenômeno e outro (Haupt, 1979) - assumindo sempre a dimensão histórica do que se estuda, encontrando seu movimento, contradições e as condições dadas de sua superação. A análise, contudo, não se esgota no materialismo histórico-dialético: o recurso à observação participante, com frequência, pediu auxílio da tradição antropológica, sobretudo daquelas vertentes da antropologia urbana brasileira, tão familiarizada com o estudo das classes trabalhadoras, dos mercados ilegais e de contextos de violência urbana (Feltran, 2018; Misse, 2022; Velho, 2013).

Para a segunda etapa, das entrevistas abertas, o procedimento analítico iniciou com a transcrição, na íntegra, dos áudios das entrevistas, gravados mediante consentimento dos participantes. A primeira e principal pergunta das entrevistas (cujo roteiro consta nos anexos deste artigo) pedia para que o participante contasse, da sua maneira, a sua história de vida; depois, foram inseridas perguntas que permitissem aos pesquisadores alcançar dimensões específicas de sua vida (trabalho, drogas, comunidade, ruralidade, entre outros). O processo

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

analítico permitiu a reconstituição da trajetória de vida dos participantes (Guérios, 2012), sublinhando especialmente aqueles eixos temáticos mais fortemente relacionadas à questão de pesquisa (Carreteiro, ano): sua inserção/contato com a comercialização de drogas. Os principais eixos que emergiram nesta foram: 1) Família/comunidade; 2) Educação; 3) Trabalho. Esses eixos, na realidade, acontecem simultaneamente, se determinam mutuamente e são concomitantes na determinação de sua inserção nos mercados ilícitos de drogas. Sua separação ocorre apenas para a facilitação da exposição.

Para a composição deste artigo, foram considerados apenas aqueles recortes relativos ao trabalho desempenhado por esses jovens e suas respectivas concepções sobre eles. O produto final da pesquisa é exatamente o cotejamento dos registros da observação participante com o material das entrevistas. Assim, foi possível chegar à construção compartilhada de um saber, levando em consideração também o conhecimento que é produzido pelos próprios atores sociais ao longo de suas vidas.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foi aprovada, sob CAAE 72314123.5.0000.5188. A participação nas entrevistas ocorreu mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta nos anexos deste artigo. Os participantes são referidos por codinomes atribuídos pelos pesquisadores, de modo a preservar suas identidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Bela Vista, comunidade que serve como locus do recorte de pesquisa aqui apresentado, é formada por migrantes rurais, em franco processo de urbanização - desordenada - e cuja população, embora fora do campo, depende do assalariamento rural para amear parte significativa de sua renda. Isso ocorre porque o processo de industrialização do campo na região do Cariri paraibano envolveu, além da expulsão de contingentes populacionais pelo emprego de pesticidas e de novas tecnologias na produção, o advento de novas relações de trabalho: o assalariamento por diária e/ou por produção.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

Mesmo expulsos do campo, forçados a se urbanizar, esses contingentes continuam com os dois pés na ruralidade, por continuarem trabalhando nas terras onde outrora viveram, plantaram e constituíram famílias e comunidades inteiras, mas onde estão agora subcontratados como assalariados. Trabalham no campo durante o dia, mas o restante de sua vida acontece na nova comunidade, que se urbaniza. A condição de assalariamento rural, além de lhes expulsar do campo, retira-lhes a segurança de contar de modo minimamente permanente com alguma ocupação. A certeza da sobrevivência, pelos menos no que tange à manutenção do corpo, que antes era garantida pela produção agrária doméstica, desfez-se com o processo de expulsão, assalariamento e urbanização. Agora, ela deve ser uma batalha vencida todos os dias. E o assalariamento rural, por diária ou produção, não oferece postos para todos, e nem em todas as épocas e dias - tampouco uma remuneração suficiente para sua sobrevivência.

Lázaro, de 23 anos, um dos entrevistados, se queixa da falta de terras para a sua família, evidenciando o tamanho da contradição que é um trabalhador rural passar fome:

Minha família nunca teve terra pra plantar. Terra dos outros teve, pra alugar, plantar feijão e milho. Se tivesse uma terra pra plantar, morar no sítio, eu achava melhor. Fora da cidade o cabra fica mais tranquilo, é mais silêncio. Na cidade, é muita bagunça, é festa demais (Lázaro, entrevistado).

E são exatamente as populações mais jovens, porque formadas nessa conjuntura de mudança, que sofrem e introjetam com mais força esse processo. É uma dinâmica que se alicerça, entretanto, em alguns arcaísmos rurais para se reproduzir: é sabido que comunidades rurais são mais coniventes e até estimulam o trabalho desde cedo, na roça. O trabalho, entre essas populações, aparece como um valor muito caro e como um componente de pertença e educação. Quando “urbanizadas”, essas comunidades, sobretudo em substratos mais velhos, não transformam seus conjuntos de crenças e valores com a mesma velocidade com que sua condição objetiva é transformada. Mantém-se, então, um trabalho como um valor de pertença e educação, o que impele desde cedo os mais jovens ao trabalho, com o incentivo de pais,

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

avós e outros familiares. É um processo que se torna ainda mais potente quando reafirmamos a pauperização que envolve esse processo de urbanização.

Quando eu era pequeno, ia para os campos ajudar minha mãe. Ficava triste e chorava, em cima do carro cheio de caixas de verdura. O meu trabalho com o dela dava uma diária. Chegava em casa de noite, com fome e não tinha nada para comer. Já cheguei até a comer farinha com açúcar. Meu pai era desempregado na época (Lázaro, entrevistado)

É possível afirmar que 1) Desde cedo, esses jovens convivem com uma situação de privação material ensejada pelo processo de urbanização que atinge suas famílias; 2) A percepção dessa privação, somada à aceitabilidade que há em relação ao trabalho precoce, impele esses jovens, criados em contextos urbanos, às atividades que compõem o chamado “circuito inferior da economia urbana” (Santos, 2008), com o assalariamento rural aparecendo nesse acervo de atividades. Mais tarde (na vida e neste texto) o tráfico de drogas também aparece como uma opção.

A totalidade dos participantes entrevistados para esta pesquisa, apresentados aqui por codinomes, começou a trabalhar antes dos 16 anos de idade, ainda na infância.

Quadro 1 – Participantes e idade de ingresso no mundo do trabalho

Participante	Idade de ingresso
Diego	12
Fernando	Infância (não consegue precisar)
Jardel	6
Alves	Adolescência (não consegue precisar)
Tiago	9
Leonel	Infância (não consegue precisar)
Lázaro	Infância (não consegue precisar)

Fonte: *Elaboração Própria (2025)*

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

Isso implica dizer que, desde tenra idade, esses jovens são inseridos em ambientes onde não há garantias de que eles poderão crescer de modo adequado - como há, minimamente, na família e na escola. São despejados num processo que, de acordo com Sousa e Alberto (2008), desemboca em consequências negativas, tais como implicações físicas, como fadiga, enfermidades e riscos de acidentes de trabalho; implicações psicossociais, como baixa auto-estima, vulnerabilidade à socialização desviante, exclusão social e adultização precoce. Esta última alude a processos de inserção de crianças e adolescentes em práticas, relações sociais e ambientes marcadamente adultos, expondo-as a conflitos, sofrimentos, riscos e violações de direitos.

Considerando a debilidade do mercado de trabalho da região e as relações de superexploração por ele ensejadas (uma constante brasileira), estamos tratando de uma exposição em tenra idade a um universo potencialmente nocivo e, mesmo, violento. Entre os entrevistados, não faltam queixas relativas a isso:

Tem muito patrão que fica procurando defeito no seu serviço, dizendo que você não apanha os tomates, pimentões direito, tudo pra não pagar o que lhe deve (Leonel, entrevistado)

Trabalhei para um homem que veio desmerecer o meu serviço, dizendo que era nojento, mal feito. Eu joguei a lata de tinta nos pés dele, pedi minhas contas e fui embora (Fernando, entrevistado)

Tive um patrão que queria que eu passasse do horário, sem comer, sem me pagar hora extra e ainda me humilhando (Diego, entrevistado)

Mas o pior trabalho que já tive foi na prefeitura. Era no sol quente, apanhando lixo, varrendo rua, pintando calçada, fazendo calçamento e recebendo mixaria (Fernando, entrevistado)

Esses relatos ilustram relações de trabalho permeadas por formas diversas de assédio e violência, seja no campo ou na cidade, espaços por onde circulam esses jovens. Isso implica dizer que além do sofrimento físico das parcas condições de trabalho, há, ainda, uma dimensão psicológica de degradação relativa ao trabalho. Ademais, o que se vê também é um conflito cujo objetivo último é a remuneração: o trabalhador quer o que lhe é devido, o patrão se vale de recursos e argumentos para rebaixar ainda mais essa humilhação. Com “patrão”,

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

estamos nos referindo a pequenos empresários locais, donos de propriedades agrícolas e, mesmo, o Estado, na figura da prefeitura.

E é no mundo do trabalho que esses jovens, num mundo feito para e por adultos, irão se deparar também com as estratégias de gestão do sofrimento elaboradas pelos trabalhadores. A mais comum delas é o consumo de psicoativos lícitos e ilícitos. Sabe-se que o consumo exacerbado de álcool é uma tendência histórica em contextos rurais (Laurell *et al*, 2022). Com os processos de urbanização, esses jovens são confrontados também com estratégias urbanas de lidar com o sofrimento, sobretudo pelo consumo de drogas ilícitas. “E foi no trabalho que meus amigos me apresentaram a maconha. Gostei, achei legal”(Alves, entrevistado)."

Existe, ainda, uma outra dimensão do consumo de drogas associado ao trabalho: Um dos entrevistados, quando perguntado sobre a motivação de seu consumo de crack, responde: “Quando uso crack, fico mais trabalhador” (Leonel). É uma prática que conta, inclusive, com a conivência dos empregadores: “Ele sabe [do consumo entre os trabalhadores] e nem liga [...] Pra ele é melhor que a gente mete mais a mola [trabalha mais intensamente]” Ou seja: o consumo de drogas não é apenas um modo de gestão do sofrimento, é um instrumento de incremento da produtividade dos trabalhadores. Uma forma de o trabalhador se manter empregado, produtivo, melhor remunerado (pois trabalha por produção) e de o patrão obter maiores taxas de lucro sobre o trabalho. Um trabalhador produtivo é mais propenso a ser escolhido para mais diárias, contando com a leniência sobre seu consumo de drogas.

A própria presença da oferta de drogas ilícitas, por meio do tráfico de drogas, um fenômeno amplamente conhecido e associado aos grandes centros urbanos, é um marcador interessante para fundamentar o processo de urbanização que essas comunidades vêm sofrendo. A região conta com a presença da Okaida, facção criminosa ligada ao Comando Vermelho, e que deste extrai inspirações para o domínio territorial que exerce na região.

Historicamente, a Okaida apareceu nos grandes centros urbanos da Paraíba, especificamente na região metropolitana de João Pessoa. Sua expansão para o interior do estado ocorreu mais recentemente, principalmente a partir de 2016, na concomitância da crise

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

econômica que assolou o país, de uma grande seca que atingiu o estado (principalmente a região de Boqueirão) e da expansão de facções oriundas dos maiores centros urbanos do país para o Nordeste (Jorge, 2018), principalmente o Primeiro Comando da Capital (PCC) (Feltran, ano) e o Comando Vermelho (CV) (Manso, ano) (tendo este último se aliado à Okaida e conferindo mais força a sua expansão

A Okaida, ademais, é reconhecida por permitir em seus quadros a filiação de adolescentes com menos de 18 anos (Machado, 2019), o que destoia dos códigos de conduta de outras facções, como o PCC (Feltran, ano). Seus membros, recrutados entre os jovens da comunidade, costumam chamar a si mesmos de “Tropa do vaqueiro”, em alusão à própria origem rural e ao codinome da maior liderança da facção - codinome esse que escancara as vinculações da facção com sua expansão para zonas de fronteira agrícola, como é a região de Boqueirão.

É esse convívio com o tráfico, num primeiro momento como consumidores ocasionais, no próprio território, que faz com que a soma às suas fileiras se torne mais uma opção de emprego e renda para os jovens da pesquisa.

“Ela queria que eu botasse a feira dentro de casa” (Fernando, entrevistado), conta um dos entrevistados a respeito de sua entrada no tráfico por pressões familiares. “Já fui do tráfico. Meus primos começaram a vender e me ofereceram e eu fui vender” (Diego), conta outro entrevistado com passado no tráfico. E é no próprio tráfico que o consumo de drogas se acentua e complexifica: o acesso facilitado a uma pluralidade de substâncias torna o trabalho no tráfico, que já é deveras estressante e precário, uma via de acesso ao consumo de drogas mais potentes, como o crack

Era muita adrenalina, arriscado de ser preso (Diego)

Ganhava dinheiro, mas era muita dor de cabeça (Fernando)

Não é fácil a vida no tráfico. É guerra. Pra matar ou morrer (Fernando)

Usei o crack a partir da cocaína. Eu já vendia, aí ficou mais fácil (Jardel)

Os relatos acima estão dispostos numa sequência lógica e cronológica: a necessidade do trabalho como complemento da renda familiar abre as portas para a entrada desses jovens no tráfico enquanto atividade de trabalho. Essa atividade, por sua vez, põe seus próprios

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

dilemas e processos críticos, como já exposto. A disponibilidade de drogas ilícitas no âmbito da própria atividade faz com que a escalada do consumo (em quantidade e em qualidade) se torne um modo de gestão do sofrimento ensejado pelo próprio trabalho. Entretanto, esse recurso acaba desembocando em outros conflitos:

Comecei a usar pedra quando entrei no tráfico. Pegava o dinheiro que ganhava lá deles e fumava tudo. 700, 800 [Reais] por semana eu gastava (Diego)
Foi no tráfico que meu uso aumentou. Conheci o pó, conheci o crack quando comecei a vender. Já tava acostumado com a maconha, aí fui procurar uma droga mais forte (Fernando)
Você usando, sendo viciado, fica complicado de vender. Você pode dar um prejuízo grande, fazer um furo e não conseguir pagar, pode apanhar, pode morrer (Jardel)
Tive uma crise muito forte há um ano e sete meses. Ouvi vozes, deu tontura na minha cabeça. Usava pó, maconha e crack. Adoecei, fui internado. Aí saí [do tráfico]... Quando adocece, pode sair. (Diego)

O que, num primeiro momento, serve como enfrentamento aos dilemas do trabalho no tráfico, acaba se conformando como a própria razão da saída dessa atividade. O consumo das drogas que são vendidas não é bem visto pelo comando do tráfico, o que ocasiona punições frequentes, acentuando o sofrimento inerente à atividade. Ademais, aquilo que num primeiro momento aparece como oportunidade de acesso a grandes vantagens financeiras, se torna maldição:

É um dinheiro amaldiçoado. Quanto mais o cara tem, gasta. O que vem fácil, vai fácil (Fernando)
Eles [Polícia] foram na casa da minha tia de noite, algemaram ela, bateram no meu tio, bateram nos meus primos e levaram minha tia, que não tinha nada a ver, presa e algemada. Soltaram depois. Eles traficavam tanto, eram os chefes, mas não têm dinheiro nem pra pagar um advogado! (Diego)

A opinião de Fernando a respeito do dinheiro que se ganha nessa atividade se assemelha à de Diego: é uma atividade infértil, que não rende uma boa vida a quem a desempenha. É, por outro lado, um prejuízo, uma maldição. A entrada nessa atividade se dá pelo dinheiro, numa localidade cujas relações passam de uma matriz comunitária para a monetarização (Taussig, 2010). O dinheiro seria o ingresso para a ascensão nesse novo

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

mundo, mas algo impede esse destino. Fernando ainda interpreta os fenômenos de uma sociedade mercantilizada com signos pré-capitalistas, não-mercantis, oriundos de uma sociedade camponesa em que o bem e o mal, na figura de Deus e do Diabo, são os recursos mais utilizados para interpretar a própria vida (Taussig, 2010). O dinheiro do crime, ao contrário do capital, para Fernando, Diego e outros jovens dos quadros mais precários do tráfico, não se acumula nem multiplica, pois é amaldiçoado.

É importante salientar também que os participantes não enxergam sua atividade no tráfico como trabalho: há uma contraposição implícita entre o trabalho legal e a atividade no tráfico. O primeiro é visto como trabalho, ganha pão e, mesmo, renda fixa, segura; o outro como crime. Isso mascara a experiência com a atividade, incluindo as relações de poder e de mando que envolvem o empreendimento (como no caso de ter que pagar a alguém caso falte alguma mercadoria) bem como o sofrimento relativo à própria precariedade da atividade, uma vez que Jardel relata que passou a consumir outras drogas ilícitas depois de iniciar no tráfico (D'elia Filho, 2008). Segundo, isso contesta o senso de que esses indivíduos, por estarem envolvidos numa atividade ilícita, estão fora ou à margem da sociedade. O relato de Jardel – e a trajetória dos demais entrevistados – mostram como esses jovens circulam e/ou alternam entre mercados legais e ilegais, bem como o dinheiro que eles circulam passa de uma esfera à outra, como se atividade no tráfico fosse um componente oculto do circuito inferior da economia urbana (Feltran, 2018; Santos, 2008). Não estão fora, são, sim, parte importante da totalidade da dinâmica social.

Importa dizer que embora esses jovens não enxerguem sua atividade no tráfico enquanto trabalho, as razões que os levaram à inserção nesse ramo são muito semelhantes às que levam as pessoas em geral ao trabalho dentro da legalidade. Não existe, objetivamente, uma cisão, em termos de motivação e necessidade, entre o trabalho no tráfico e fora dele: é a escassez, a ânsia por ajudar a família e garantir o sustento de uma casa que levam esses jovens ao tráfico.

A utilização pelo narcotráfico de jovens como plantadores de maconha no campo, como pistoleiros de crimes encomendados ou como vendedores de drogas no meio urbano se referenda, entre outros elementos, paradoxalmente, na extrema

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

legitimidade que o trabalho sempre teve como variável de controle social e, concomitantemente, na necessidade que crianças e jovens pobres sempre tiveram de trabalhar para complementar a renda familiar [...] Dessa forma, o trabalho que sempre foi utilizado como elemento formador e de prevenção ao crime, é um dos elementos mais importantes para empurrar o jovem para a atividade do narcotráfico (Fraga, 2000).

Em suma, o trabalho infantil não apenas enseja o consumo de drogas, como também instaura a entrada desses jovens em atividades de baixa remuneração e precarizadas, no chamado “circuito inferior” da economia urbano-rural. O engajamento no tráfico, como trabalhadores, aparece como mais uma atividade – moralmente questionável, porém financeiramente rentável – disponível nesse setor. Em contraste com o tráfico transnacional, esse pequeno comércio varejista de drogas ilícitas aparece como um apêndice de algo que, em seus escalões superiores, está entre as atividades econômicas mais lucrativas do mundo, tal como as pequenas lojas de manutenção de aparelhos celulares e as pequenas oficinas mecânicas atuam nas franjas e nos arremedos daquilo que é produzido por grandes transnacionais da indústria de tecnologia e automotiva. Uma atividade, portanto, ilustrativa (e com marcadores rurais) do que Santos descreveu como o “circuito inferior” da economia (Santos, 2008).

4. CONCLUSÃO

Embora os jovens envolvidos no tráfico de drogas frequentemente não percebam sua atividade como uma forma de trabalho legítima, suas trajetórias revelam que a entrada nesse circuito está diretamente relacionada às condições de vulnerabilidade social, econômica e territorial enfrentadas por suas famílias e comunidades

As transformações urbanas e rurais ocorridas na região, com a urbanização acelerada, a escassez de oportunidades de emprego formal e a precariedade do mercado de trabalho, criaram um ambiente propício à incidência do narcotráfico como alternativa de sobrevivência. Nesse cenário, o tráfico de drogas não surge apenas como uma atividade ilícita, mas como

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

uma consequência das desigualdades estruturais que marginalizam esses jovens e suas famílias - signo de um contexto rural que se urbaniza de modo desordenado, como historicamente ocorre no Brasil.

Esses achados se perfilam para uma já extensa produção acadêmica sobre consumo e tráfico de drogas ilícitas em regiões rurais e de fronteira agrícola no Brasil nos últimos trinta anos (Ribeiro e Iulianelli, 2000). Cabe mencionar diretamente os trabalhos de Fraga e outros colaboradores a respeito do engajamento de jovens e mulheres no trabalho de produção de cannabis no baixo-médio São Francisco (Fraga e Silva, 2017; Ribeiro e Fraga, 2017).

Além disso, o envolvimento no tráfico e o consumo de drogas se reforçam mutuamente, alimentando um ciclo vicioso de violência, vulnerabilidade e exclusão social. Assim, para enfrentar essa realidade, é imprescindível a implementação de políticas públicas que promovam inclusão social, acesso a oportunidades de educação e trabalho digno, além de ações que visem à redução da desigualdade territorial, de modo a impedir que esses jovens vejam na atividade ilegal uma única alternativa de realização e sobrevivência.

Este estudo, naturalmente, não é suficiente para esgotar os fenômenos em análise. Suas principais carências são relativas a questões de gênero e raça: não foram encontradas mulheres entre os participantes, o que não significa que elas não estejam relacionadas ao trabalho no tráfico de drogas, nessas e noutras frentes. Ocorre que o acesso a elas é ainda mais difícil, sobretudo quando se trata de seu envolvimento numa atividade ilícita. Como o principal meio de acesso a esse público foi um CAPS-AD situado numa cidade rural, acreditamos que a ausência feminina seja reflexo de um quadro mais amplo de falta de alcance/acesso desse público ao referido serviço ligado a um estigma machista e moralizante que recai sobre as mulheres que se relacionam com drogas lícitas e ilícitas, o que enseja a necessidade de mais pesquisas para compreender esse problema. A predominância masculina também pede uma discussão pormenorizada sobre masculinidade nesses contextos, o que abre espaços para mais estudos.

Ademais, os participantes deste estudo são todos pretos, o que impõe uma discussão aprofundada sobre raça/racismo na conformação do fenômeno em análise, alinhando o

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

problema aqui estudado com sua conformação em outros pontos do país, incluindo nos grandes centros urbanos. O enfoque no trabalho enquanto principal eixo analítico não exclui outros determinantes, mas toma o espaço devido e necessário a outros eixos, que devem ser abrangidos em outros estudos sobre o mesmo contexto.

5. REFERÊNCIAS

D'ELIA FILHO, Orlando Zaccone. *Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Irmãos: uma história do PCC*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FRAGA, Paulo César. Juventude, narcotráfico e violência no Brasil: para além do rural e do urbano. In: RIBEIRO, Ana Maria Motta & IULIANELLI, Jorge Atilio. *Narcotráfico e Violência no Campo*. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes; SILVA, Joyce Keli do Nascimento. A participação feminina em mercados ilícitos de drogas no Vale do São Francisco, no Nordeste brasileiro. *Tempo Social*, v. 29, p. 135-158, 2017.

JORGE, Marco Antonio. O Mistério da Região Nordeste: o crescimento da taxa de homicídios no século XXI. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, v. 39, n. 134, p. 55-75, 2018.

LAURELL, A. C. *Et al.* Enfermedad y desarrollo: análisis sociológico de la morbilidad en dos pueblos mexicanos. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, [S. l.], v. 22, n. 84, 2021. DOI: 10.22201/fcpys.2448492xe.1976.84.80101. Disponível em: <https://revistas.ulnam.mx/index.php/rmcpys/article/view/80101>. Acesso em: 7 out. 2025

MACHADO, Leandro. A ascensão da Okaida, facção criminosa com 6 mil “soldados” na Paraíba. *BBC News Brasil*, São Paulo, 19 abr. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47942626>. Acesso em: 04 set. 2025.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

MARTINS, Adalberto Floriano Greco. *A questão agrária brasileira: da colônia ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2022.

MISSE, Michel. *Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2022.

PASQUALINI, Juliana Campregher; MARTINS, Lígia Márcia. A dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia e Sociedade*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 362–371, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>

RIBEIRO, Ana Maria Motta & IULIANELLI, Jorge Atilio. *Narcotráfico e Violência no Campo*. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

RODRIGUES, Luzania Barreto; DA SILVA RIBEIRO, Monique; FRAGA, Paulo César Pontes. O envolvimento de adolescentes no tráfico de drogas em Juazeiro-norte da Bahia: uma análise do fluxo dos processos judiciais da Vara da Infância e da Juventude. *Teoria e Cultura*, v. 12, n. 1, 2017.

RODRIGUES, Pedro Barino; RONZANI, Telmo Mota. Consumo de drogas em contextos rurais: revisão sistemática na América Latina e Caribe. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 14, suplemento, 2021. e17496. DOI: 10.36298/gerais202114e17496. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v14nspe/10.pdf>. Acesso em: 7 out 2025.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. *Revista da ANPEGE*, v. 2, n. 2, p. [45]-[65], jan. 2005. DOI:10.5418/RA2005.0202.0004

SANTOS, Milton. *A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SOUSA, Olívia M. C. G.; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Trabalho precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Marília, v. 13, n. 4, p. 713–722, out./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000400014>

TAUSSIG, Michael T. *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul*. Tradução de Priscila Santos da Costa. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

6. ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Sexo:

Religião:

Escolaridade:

Cor da pele autodeclarada:

Renda familiar autodeclarada:

- 1) Conte, da maneira como achar melhor, a trajetória de sua vida:
- 2) Como o trabalho entra na sua vida?
- 3) Como o consumo de drogas entra na sua vida?
- 4) Descreva o seu cotidiano (relações familiares, amizades, o que gosta de fazer, como é o lugar onde vive, etc.).
- 5) Por que você acha que usa drogas?

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a), Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Histórias de vida e consumo de drogas entre a juventude rural do Cariri paraibano”. Esta pesquisa tem como objetivo principal compreender como as condições objetivas de vida têm conformado o consumo de drogas ilícitas da juventude rural do Cariri Paraibano, e como objetivos específicos os seguintes: 1) Discutir como as transformações sociais na região, sobretudo na questão agrária, são vivenciadas pela juventude rural; 2) Analisar como o consumo de drogas por essa juventude se inscreve nas transformações sociais da região; 3) Analisar como ocorre, ao longo da vida, o encontro dessa juventude com a oferta de drogas; 4) Investigar como essa juventude dá sentido ao seu próprio consumo de drogas. Esta pesquisa é desenvolvida pelo pesquisador Aleff Silva Aleixo, aluno do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Pereira Alberto. A finalidade deste trabalho é contribuir para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Através dos resultados desta pesquisa acredita-se também que será possível o desenvolvimento de estratégias de prevenção, promoção e assistência em saúde para o público participante. Este projeto de pesquisa está identificado no Comitê de Ética em Pesquisa/CCS/UFPB por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 72314123.5.0000.5188 e recebeu parecer favorável do referido Comitê para a sua execução. Sua participação em nosso estudo consiste em responder a uma entrevista. Pedimos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, nem indicam possibilidades de danos à integridade física, intelectual e/ou moral dos participantes. Aponta-se apenas, como um possível risco, que o participante toque em questões emocionais diante do conteúdo da entrevista a ser concedida, tendo em vista que é algo comum em situações que se tem que

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.

O TRABALHO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS COMO PARTE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANO-RURAL

falar sobre a própria vida – diante do que o pesquisador, como psicólogo, se compromete, caso sejam disparadas questões emocionais decorrentes da participação, em ofertar apoio psicológico pelo período de um mês, bem como informar à equipe multidisciplinar do serviço em que é acompanhado o participante sobre as questões mobilizadas, bem como fornecer retaguarda técnica para a condução da situação. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considerem necessário em qualquer etapa da pesquisa. Consentimento: Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Aleff Silva Aleixo (Pesquisador Responsável)

Aleff Silva Aleixo

E-mail: aleffaleixo11@gmail.com

Psicólogo (UFCG) /Doutorando em Psicologia Social (PPGPS-UFPB)

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Artigo recebido em: 09 de outubro de 2025.

Revisto pelos autores: 09 de março de 2026.

Aprovado para publicação em: 24 de abril de 2026.

Responsável pela aprovação final: Maria José de Oliveira Lima.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 35, Fluxo contínuo (2026): Edição “SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE (RE)CONFIGURAÇÕES: fundamentos, formação e resistência no enfrentamento às expressões da questão social”.